

# Ler com Foucault: modalidades do saber em video-aulas de leitura

Carla Luzia Carneiro Borges

Resumo: O trabalho parte de um modo de ver a leitura, na perspectiva de Michel Foucault, tendo como base o (dis)senso comum de que “ler é viajar”, “ler é dar asas à imaginação”, aventurando na tarefa de exercitar primeiro uma arqueologia do modo como o próprio Michel Foucault pratica a leitura, tomando como base seu modo de ler telas, corpos, cenas sociais, a linguagem em geral como o faz em *As Palavras e as coisas*. Num segundo momento, desloca-se o olhar, através do olhar de Foucault, para ler as práticas de leitura em salas de aula e em outros espaços, inclusive midiáticos e virtuais, com o objetivo de apresentar as modalidades do saber/poder pela leitura na instituição escolar e em outros espaços sociais, caracterizando a posição do sujeito-leitor, em sua historicidade, bem como de produzir vídeo-aulas de leitura e outros materiais didáticos importantes para formação de professores, tendo por base o método arqueológico de leitura, praticado por Foucault em suas obras. Os resultados devem apontar segundo que regras, determinadas práticas discursivas, centradas na leitura, organizam conjuntos de enunciações e de conceitos sobre leitura, bem como a partir dessas práticas o sujeito se constitui no governo de si e dos outros. O foco estará no eixo prática discursiva–saber–ciência (FOUCAULT, 2004, p.205).

Palavras-chave: Práticas de Leitura; Michel Foucault; Arqueologia do saber; Modalidades do saber/poder.

---

Carla Luzia Carneiro Borges. Doutora em Linguística pela UNICAMP, Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana, coordena o Núcleo de Leituras Multi-meios; é docente no Mestrado em Estudos Linguísticos da UEFS.

## Leer con Foucault: modalidades del saber en video-lecciones de lectura

Resumen: El trabajo está inspirado en un modo de ver la lectura, en la perspectiva de Michel Foucault. Inicialmente, la investigación se basa en la visión del (dis)senso común que considera la lectura como “un viaje” o “algo que necesita dar alas a la imaginación”, y por eso aventurarse en la tarea de ejercitar primero una arqueología del modo como el propio Michel Foucault practica la lectura, llevando en consideración su modo de leer telas, cuerpos, escenas sociales y el lenguaje en general. Enseguida, se propone leer prácticas de lectura en clase y en otros espacios, incluso mediáticos y virtuales, con el objetivo de presentar las modalidades del saber/poder por medio de la lectura en la institución escolar y en otros espacios sociales, caracterizando la posición del sujeto-lector, en su historicidad, además de producir video-clases de lectura y otros materiales didácticos importantes para la formación de profesores, basándose el método arqueológico de lectura practicado por Foucault en sus obras. Los resultados deben señalar cuáles reglas, determinadas prácticas discursivas, centradas en la lectura, organizan conjuntos de enunciaciones y de conceptos sobre lectura, además de esto, se espera comprender cuáles de estas prácticas contribuyen para que el sujeto constituya el gobierno de si y de los otros. El foco estará en el eje práctica discursiva-saber-ciencia (FOUCAULT, 2004, p. 205).

Palabras-clave: Prácticas de la lectura; Michel Foucault; Arqueología del saber; Modalidades del saber/poder.

### Introdução

**P**artindo de um modo de ver a leitura, que é base do (dis)senso comum de que “ler é viajar”, “ler é dar asas à imaginação”, aventuro-me na tarefa de exercitar primeiro uma arqueologia do

modo como o próprio Michel Foucault pratica a leitura, tomando como base seu olhar para o quadro de Veslaquez, *Las meninas*, em *As Palavras e as coisas*. Num segundo momento, desloco meu olhar, através do olhar de Foucault, para ler uma pequena mostra de vídeo-aulas de leitura. O objetivo é apresentar as modalidades do saber em vídeo-aulas de leitura, tomando como orientação para a análise desses vídeos o método arqueológico de leitura, praticado por Foucault em suas obras.

O objetivo é mostrar, segundo que regras, determinadas práticas discursivas, centradas na leitura, organizam conjuntos de enunciações e de conceitos sobre leitura. O foco estará no eixo prática discursiva–saber–ciência (FOUCAULT, 2004, p.205).

Iniciando o procedimento arqueológico, busquei nas redes sociais da internet textos que acusassem concepções de leitura. Digitei ‘o que é leitura’ e consegui exemplares desse modo de definir leitura. Na tira a seguir, é reafirmada a importância da leitura: “Claro que ler é muito importante. Ler é fundamental”.

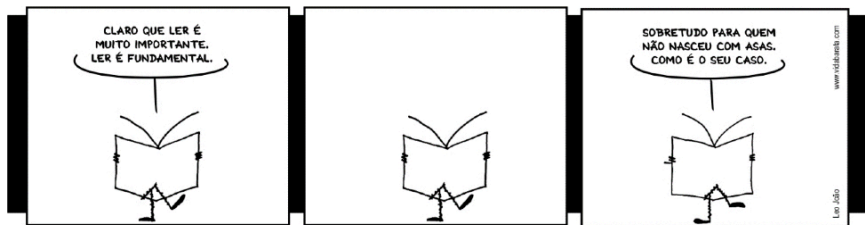


Figura 1: Tirinha publicada no blog oficial da Bienal do Livro 2010. Disponível em <https://leojoao.wordpress.com/2010/08/28/preparar-para-decolar/>

Na sequência, um quadro no qual aparece apenas o personagem que sempre está por trás de um livro, quase que se confunde seu corpo com o livro, que parece ter um tamanho numa proporção maior do que o regular. No terceiro quadro, a continuidade do pensamento inicial: “Sobretudo para quem não nasceu com asas, como é o meu caso”.

Destaco ‘quem não nasceu com asas’, pois é o momento que reafirma a leitura como aquilo que se assemelha e tem a mesma função das asas: permite voar. Outra cena encontrada, que também resalta essa concepção de leitura como imaginação, transcendência. É importante perguntar: quem lê, para onde olha? O que a leitura permite viver? Que deslocamentos o sujeito pode fazer?

A garota, deitada com um livro em suas mãos, não olha para o livro, mas para o alto, para longe do livro, e talvez de si mesma.



Figura 2: Disponível em <http://clickemleituraeescrita.blogspot.com.br/>

A leitura como espaço de transcendência do mundo dado. O foco da imagem vem do alto, de um distanciamento da garota que lê, o que causa efeito de que a leitura permite ver cada vez mais de longe, permite o distanciamento de si mesmo, do lugar comum. Esse modo de ver a leitura se relaciona com a discussão feita por Foucault acerca do sujeito.

Nessa outra cena, duas crianças debruçadas num livro, também em proporção maior do que o habitual, como se livro e espaço de vivência se confundissem, no entorno, figuras de um mundo surreal, saci, cai-pora, mula-sem-cabeça, Zé Carneiro e Visconde de Sabugosa, personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, cuja história tematiza situações de deslocamentos do mundo real para a ficção. As crianças parecem, portanto, “viajam” nos mundos encantados.



Figura 3: Disponível em <http://www.temaquiperto.com.br/site/blog/diversao-earte/cultura-e-arte-acessivel/>

A seguir uma figura intitulada ‘anatomia de um leitor, a partir da qual se pode ter uma ideia de como o leitor é concebido em suas atitudes, além de se ter configurada a estreita relação entre corpo e leitura. A sensação é a de que quando se lê todo o corpo está envolvido, imerso nessa prática que mobiliza sentidos, não somente exigindo habilidades cognitivas.



Figura 4: Disponível em <http://comoeuaprendo.com/2013/10/23/saber-ler-e-saber-interpretar/>

A descrição do coração, em especial, parece ser responsável pela ideia de leitura como distanciamento de si e do mundo real: “Coração, para se unir às histórias”. Em nossa cultura ocidental, o coração é o centro das emoções e é um órgão responsável pelo fun-

cionamento de nosso corpo, no que diz respeito ao que impulsiona o homem a sentir e a mobilizar outros movimentos.

Outras cenas foram selecionadas, mas agora de sala de aula. A ideia é observar também qual a configuração de leitura que permeia o espaço escolar e ganha força nas representações de leitura. Na cena a seguir, também em circulação na internet, é de uma professora, diante de seus alunos, em realização de um projeto intitulado “Casinha de Leitura”. Interessante observar que há um cenário como uma casinha de portas abertas, com livros, em frente um tapete no qual as crianças se encontram sentadas em círculo.



Figura 5: Disponível em <https://casinhadeleitura.wordpress.com/2010/03/12/oludico-na-sala-de-aula/>

Mais uma vez realidade e ficção se encontram, ainda que a figura do professor esteja ocupando um lugar à frente como guia desse momento de leitura. Há certa magia nesse momento em que se passa a ‘viver’ numa casinha de leitura. No espaço escolar, magia e descentramento de um lado, compromisso e atenção de outro. Modos de saber que se alternam, mas que se sobrepõem muitas vezes.

Na outra cena de leitura escolar, mais uma vez observamos a proximidade dos leitores com a leitura, o movimento do corpo, debruçado sobre o jornal, os dois colegas muito próximos, com olhar para o material de leitura. Que saberes se constituem? Que aproximações são feitas com relação ao cotidiano vivido? Que olhares são permitidos?



Figura 6: Leitura compartilhada. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/136/aimportancia-da-leitura-em-sala-de-aula-para-a-fluencia-leitora>

A seguir, mais uma cena que se constitui de trocas, mas também de disciplina: há uma ordem estabelecida pela leitura, há um lugar de leitura, posições são ocupadas de modos distintos e numa hierarquia bem marcada. Na escola, para onde a leitura permite olhar? Quem é o leitor? Como se lê?





Figura 7: <http://www.escoladavila.com.br/blog/?p=8908>

É muito comum e de um valor enorme a realização das rodas de leitura, pois incentivam o gosto pela leitura, colaboram para a integração dos estudantes e do professor, entre outros pontos positivos possíveis. No entanto, a roda direciona o olhar para uma pessoa à frente da leitura, assim como para uma determinada leitura, escolhida a partir de determinados critérios e feita com uma entonação específica. Sendo assim, alguns saberes são possíveis, outros ficam interditados. A partir do modo como Michel Foucault lê, será possível esboçar uma concepção de leitura que ajudará na compreensão do que ocorre no espaço escolar e em outros espaços possíveis de leitura.

## 1. Leitura na perspectiva do Michel Foucault leitor

Inicialmente, é necessário compreender o que Foucault entende por saber: “conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar *saber* (FOUCAULT, 2004, p. 204). É importante destacar a palavra “regular” que delimita o modo como o saber acontece. Regularidade nas práticas gera o saber. Talvez isso explique as práticas escolares com leitura, sempre constantes, regulares. E o que importa é o modo como isso é feito, como a regularidade e as descontinuidades vão sendo apresentadas. Foucault faz uma leitura da sociedade, que mostra o que está por trás das dispersões:

Por trás da história desordenada dos governos, das guerras, e da fome, desenham-se histórias, quase imóveis ao olhar – histórias com um suave declive: história dos caminhos marítimos, história do trigo ou das minas de ouro, história da seca e da irrigação, história da rotação das culturas, história do equilíbrio obtido pela espécie humana entre a fome e a proliferação (FOUCAULT, 2004, p.3).

Foucault tem sua atenção nas rupturas, nas descontinuidades que estão latentes no jogo de correlações e de dominâncias, em temporalidades diferentes, em diversas permanências. Na passagem destacada, Foucault faz a leitura arqueológica, apresentando elementos dispersos de uma história apresentada como estável, linear. Ele identifica os sítios arqueológicos, escavando as histórias mais opacas, ou talvez, dadas como muito translúcidas. Não tão assim como Foucault,

procurei observar o modo como ele faz a leitura, para onde Foucault tem sua atenção, como escava, que sítios arqueológicos.

Fiquei atenta ao modo como ele responde sobre seu fazer, ao modo como ele analisa uma pintura. Na sequência do diálogo transcrito a seguir, fica evidente o lugar oblíquo de onde se observa e lê o outro:

- Você não está seguro do que diz? Vai novamente mudar, deslocar-se em relação às questões que lhe são colocadas, dizer que as objeções não apontam realmente para o lugar em que você se pronuncia? Você se prepara para dizer, ainda uma vez, que você nunca foi aquilo que em você se critica? Você já arranja a saída que lhe permitirá, em seu próximo livro, ressurgir em outro lugar e zombar como o faz agora: não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo (FOUCAULT, 2004, p. 19).

O que é lido por Foucault? Quem está sob sua mira arqueológica? Ele mesmo? Eu, leitora que me achei esperta por estar lendo o Foucault leitor? Ele mesmo, distraído com o sábio Foucault escritor? Tudo isso colabora para compreender uma dimensão complexa de leitura, como uma grande rede, de palavras e nós. Vejamos:

- Como?! Você pensa que eu teria tanta dificuldade e tanto prazer em escrever, que eu me teria obstinado nisso, cabeça baixa, se não preparasse – com as mãos um pouco febris – o labirinto onde me aventurar, deslocar meu propósito, abri-lhe subterrâneos, enterrá-lo longe dele mesmo, encontrar-lhe desvios que resumem e deformam seu percurso, onde me perder e aparecer, finalmente, diante de olhos que eu não terei mais que encontrar? Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem

sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever (FOUCAULT, 2004, p.20)

A passagem anterior parece desenhar a cena do leitor-escritor Foucault nessa rede arqueológica, numa autoria imersa nos subterrâneos, ao tempo que escava a si mesma, seu eu também sendo lido, seu eu “com as mãos um pouco febris”, o que parece gerar essa escrita em ebulição constante, ciente de sua condição em busca de uma escrita que lhe nega uma identidade marcada, que se define num estado regido por certa “moral de estado civil”, ao tempo que proclama uma escritura em liberdade. Cada brecha que Foucault deixa em suas escrituras, eu procuro escavar para compreender uma possibilidade de leitura. A seguir, um momento muito precioso em que Foucault faz uma leitura minuciosa, rica em detalhes sobre uma cena, pintada por Veslaquez, no quadro *Las meninas*. Confesso que meu olhar está para o olhar de Foucault.

(...) olhamos um quadro de onde um pintor, por sua vez, nos contempla. (...) O pintor só dirige o olhar para nós na medida em que nos encontramos no lugar do seu motivo. (...) Nenhum olhar é estável, ou antes, no sulco neutro do olhar que traspasa a tela perpendicularmente, o sujeito e o objeto, o espectador e o modelo invertem seu papel ao infinito (FOUCAULT, 2016, p. 5). “Somos vistos ou vemos?” (FOUCAULT, 2016, p. 6).



Figura 8: Las meninas, Velázquez (FOUCAULT, 2016, p. 2)

Destaco o início que inaugura um modo inusitado de ler: do lugar de onde somos vistos. A ordem pré-estabelecida é a do leitor que interpreta, que decifra o código, mas aqui Foucault convoca outro lugar para o leitor, o de ser lido pelo código. Então, cabe perguntar quem é esse leitor que lê e é lido? Começo, portanto, pela pergunta feita por Foucault, perguntando: Somos lidos ou lemos? O trecho trazido é muito pequeno diante da leitura feita pelo autor da pintu-

ra. É apenas uma pequena demonstração de como se dá a condução da leitura foucaultiana, que nos impulsiona a pensar o que é leitura e qual seu lugar na sociedade, tendo por base a pergunta: o que é leitura hoje? Para fundamentar essa discussão, é preciso ter claro o papel dos códigos em nossa cultura:

Os códigos fundamentais de uma cultura – aqueles que regem sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas – fixam, logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais se há de encontrar (FOUCAULT, 2016, p.XVI).

É por esse viés que tomo a leitura como código fundamental da cultura de uma sociedade, em específico, da escola, para pensar quais códigos de leitura regem a sala de aula e são constitutivos do leitor. Acredito que as práticas de leitura constituem-se sócio-historicamente a partir de uma ordem dada, de uma hierarquia estabelecida e seus valores.

## 2. Lendo as modalidades de saber em vídeo-aulas de leitura

Baseado, então, na noção de leitura na perspectiva foucaultiana, é preciso estar atento às modalidades do saber, entre as quais a leitura se coloca no espaço escolar, em especial:

- Quais discursividades/positividades se instauram a partir dos modos como o saber se apresenta em práticas sociais de leitura?
- Como ler pelo viés arqueológico: ler (n)as descontinuidades.

Os dados analisados, ainda de forma incipiente, nesse trabalho, compõem-se de vídeo-aulas de leitura, disponíveis no Youtube, a partir dos quais volto a perguntar se somos lidos ou lemos. Procuo caracterizar o espaço leitor, na (des)continuidade do cotidiano nas aulas de leitura. Procuo observar a leitura em trânsito, as posições dos leitores, que palavras são postas e em que ordem, que outras palavras atravessam esse cotidiano e produzem outra ordem social. No caso da vídeo-aula a seguir, que se constitui de uma roda de leitura, com troca de experiências sobre livros lidos, a garota conta sua experiência com *O Pequeno Príncipe*.

Na ordem escolar dada, o estudante leitor está numa posição que o autoriza a falar de leitura, a olhar para o objeto de leitura. O que essa posição diz sobre o ser leitor e sobre as modalidades de leitura que são realizadas no espaço escolar? O dar a ler, a troca do lugar de leitura e de interpretação dos saberes permitem reconfigurar o



Figura 9: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJt3MIxQICg>

papel do professor como apenas aquele que ensina a ler, mas aquele que mobiliza leituras. De certa forma, instaura-se uma descontinuidade: na cadeia discursiva, as posições se alternam, deslocam-se.

A seguir, a imagem de início de um vídeo apresentando o Sarau de uma escola em 2012, com Oficina de Leitura, no qual o modo de ler remete a uma discursividade já dada, da leitura como viagem, descentramento, transcendência do corpo, da mente.



Figura 10: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RkJKemXuhRo>

Observe-se a imagem dos alunos tendo ao fundo um plano imágico, da natureza, espaço de silêncio, tranquilidade, propício à imaginação, que bem está representada pelo voo de pássaros ao redor, acima dos estudantes na roda de leitura. Há duas imagens fundidas: a do espaço fixo de leitura, leitores e livros apoiados no chão; e a do espaço transcendente, com um cenário que favorece o descentramento dos leitores. Leitura, então, no espaço escolar,



mantém uma ordem discursiva, que tem um leitor professor numa posição de controle da leitora do outro-aluno, ainda que em algum momento haja a mobilidades de posições em momentos específicos. O sujeito-leitor-escolar encontra-se em condições sócio-históricas que colaboram para sua constituição.

## Considerações

Acerca de uma dada ordem do discurso, Foucault (2014, p. 8) declara:

(...) suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Considerando a ordem de leitura dada, posso destacar que há uma posição do espaço leitor que é legitimada, aquela ocupada pelo professor na escola: aquela que diz o que pode e o que não pode ser lido, quem pode e quem não pode ler. As leituras são selecionadas, controladas, organizadas, seguem uma ordem nas salas de aula. Outras palavras, outra ordem: o leitor escolar como corpo que, ao mesmo tempo, se fixa e se move num espaço leitura, sob a ilusão ou transgressão possibilitada pela leitura.

É aí que uma cultura, afastando-se insensivelmente das ordens empíricas que lhe são prescritas por seus códigos primários, instaurando uma primeira distância em relação a elas, fá-las perder sua transparência inicial, cessa de se

deixar passivamente atravessar por elas, desprende-se de seus poderes imediatos e invisíveis, libera-se o bastante para constatar que essas ordens não são talvez as únicas possíveis nem as melhores (...) (FOUCAULT, 2016 XVI).

Nas práticas de leitura analisadas, houve um momento de nó na rede discursiva, quando houve a troca de posições de leitura, possibilitando que outros saberes e valores pudessem ser produzidos a partir do lugar de leitura dos alunos, a exemplo da leitura de *O Pequeno Príncipe* por uma garota que iniciou seu depoimento sobre a leitura declarando: “(...) Esse livro se identificou muito comigo por causa da imaginação do menino”. O comum é que os sujeitos leitores contemplem e se identifiquem ou não com as leituras feitas, mas nesse caso é a leitura que se identifica, que contempla o leitor, acusando uma ordem diferente.

Parafraseando Foucault, em sua análise da tela de Velazquez: *olhamos um livro de onde um personagem, por sua vez, nos contempla*.

## Referências

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio, 24<sup>a</sup> ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.